

RESENHA – REVIEW – RESEÑA

O IMPÉRIO DO CAPITAL

EMPIRE OF CAPITAL

EL IMPERIO DEL CAPITAL

WOOD, Ellen M. **O império do Capital**. Trad. Paulo Cesar Castanheira. São Paulo: Boitempo, 2014, 151 p.

Algumas décadas atrás houve quem defendesse com convicção a tese de que era pouco provável a solidificação e a reconfiguração de novas abordagens que pudessem desenvolver análises macrossociais, sistêmicas e globais num mundo que se apresentava cada vez mais líquido e complexo. Em alguns casos, não raro, trataram inclusive com desdém e muito ceticismo àqueles ou àquelas que buscaram novas explicações a partir de noções como *totalidade*, *sistema*, *estrutura*, *processo*, já que frequentemente associadas, entre outras coisas, à vala comum das “grandes narrativas”. Ao que tudo indica isso transcorreu principalmente a partir de 1970 e fundamentalmente após 1989, num contexto em que algumas correntes teóricas se firmavam em departamentos de importantes instituições universitárias e em parte considerável do mundo acadêmico “ocidental”. Essa consolidação também estava ligada, por outro lado, aos reveses de outros grupos e posicionamentos políticos que aos poucos perdiam a sua legitimidade e eram qualificados como antiquados ou parte de um mundo que agora era irreconhecível (Cf. REIS, 2012; CARDOSO, 1996).

Contrapondo-se a esse “clima intelectual”, o trabalho da historiadora norte-americana Ellen Meiksins Wood¹, publicado originalmente em 2003 pela editora

¹ Ellen M. Wood, professora e historiadora marxista, nasceu em Nova York em 1942. Estudou Ciência Política na Universidade da Califórnia e foi professora da Universidade de York, no Canadá, além de ter extensa participação em revistas marxistas, com destaque para *New Left Review*, na qual fez parte do comitê editorial entre 1984 e 1993. Dentre sua extensa obra, destacam-se *The retreat from class: a new “true” socialism* (1986); *Democracy against capitalism: renewing historical materialism* (1995) (Trad. port.: *Democracia contra capitalismo: a renovação do materialismo histórico*. S Paulo,



Verso em Londres, agora traduzido para o português por Paulo Cesar Castanheira e publicado pela Editora Boitempo (2014), trata de recuperar parte dessas categorias de análise, demonstrando não só a sua viabilidade teórica, como também sua importância política. Em um momento de constante renovação de abordagens amplas e densas, dos quais Eric Hobsbawm, David Harvey e Fredric Jameson são alguns dos expoentes mais notáveis, Wood investiu forças para investigar a atual formação e funcionamento de um novo tipo de imperialismo ou, como revela o título de sua obra *O império do capital*.

O livro é composto por sete capítulos, além do prefácio especialmente escrito para a edição brasileira em 2013, uma introdução e um interessante texto apêndice intitulado *resposta aos críticos*. Logo de início, no prefácio, a autora faz questão de localizar o tema ao apontar que o imperialismo norte-americano é de um tipo novo, e sendo assim, é o que tenta “explicar neste livro” (p.9).

Para Wood, de modo geral “os Estados Unidos preferiram, sempre que possível, evitar a dominação colonial direta e se valer da hegemonia econômica – menos custosa, menos arriscada e mais lucrativa” (p.10). Como reconhece a autora, os Estados Unidos exerceram (e ainda exercem) majoritariamente sua dominação por meio dos imperativos econômicos, tornando outros países subordinados e sujeitos às suas convulsões econômicas. Mas ao contrário do que assinalam outros pesquisadores (especialmente Hardt e Negri, com quem a autora trava o debate), o Estado-nação não está em declínio nesse processo, pois para Wood: “No máximo, o Estado territorial se tornou muito mais, e não menos, essencial para a organização dos circuitos econômicos, por meio das relações internacionais” (p.11). Essa inversão de análise, explorando o que chama de “contradição fundamental”, é um dos principais argumentos de Ellen Wood, defendendo a existência de “um sistema internacional de Estados múltiplos, que provavelmente seguirá necessitando de um impositor nacional” (p.13), ou seja, dos EUA e sua hegemonia econômica e supremacia militar que, até então, só é ameaçado pela China.

Boitempo, 2003); *The origin of capitalism* (1999) (Trad. port.: *A origem do capitalismo*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001). Wood também organizou, com John Bellamy Foster, a importante obra *In defense of history: Marxism and the postmodern agenda* (1997) (trad. port.: *Em defesa da história*. Rio de Janeiro: Zahar, 1999).

O livro se desdobra de forma significativa a partir da exposição da temática central realizada na introdução e no primeiro capítulo. Discutindo as questões teóricas e, sobretudo, analisando as especificidades do problema que traz à luz, Wood expõe alguns dos novos dilemas que enfrentamos hoje, quando sublinha que “no capitalismo moderno, a relação de classe entre o capital e o trabalho é muito mais difícil de decifrar”, pois - segue a autora - “não existe nenhum meio óbvio de distinguir entre o que os trabalhadores guardam para si e o que eles cedem ao capital” (p.15). Depois de polemizar brevemente sobre a teoria marxista do “mais-valor”, Wood enfatiza que pelas mesmas razões - ou seja, as dificuldades de análise num mundo mais complexo - é mais difícil que nos antigos impérios coloniais “detectar a transferência de riqueza das nações mais fracas para os mais fortes” (p.16).

Disso também resulta a necessidade de distinguir as peculiaridades desse novo tipo de imperialismo, e é aí que aparece uma primeira definição fundamental: “o que torna a dominação de classe, ou o imperialismo, especificamente *capitalista* é a predominância da coerção econômica, que se distingue da coerção ‘extraeconômica’ – política, militar ou judicial – direta” (p.17). Longe de querer reativar uma velha e desgastada noção de base-superestrutura², a autora alerta: “ainda assim, isso não quer dizer, de forma alguma, que o imperialismo capitalista possa abrir mão da força extraeconômica”, pois, conforme conclui, “a força extraeconômica é claramente essencial para a manutenção da coerção econômica em si” (*idem*). E é aí que surge a necessidade de, para entender o “novo imperialismo em discussão”, entender também “as especificidades do poder capitalista e a natureza da relação entre a força econômica e extraeconômica no capitalismo” (*idem*).

Nesse sentido, um dos seus argumentos principais reside em que o Estado, sendo um agente primeiro da força extraeconômica hoje, em meio à globalização, é essencial, ou melhor, “mais essencial do que nunca para o capital, ou especialmente, na sua forma global” (p.18). Para isso, em síntese, é necessário

² Ver excelente debate realizado sobre as noções de base e superestrutura e as contribuições de E. P. Thompson nessa questão em outro trabalho de Wood. *Democracia contra Capitalismo*. São Paulo: Boitempo, 2002, p.51-72.

propor e definir “uma essência do imperialismo capitalista para melhor entender como ele opera hoje” (p.19).

Depois da breve e densa introdução, a autora debate o que chama de “deslocamento do poder econômico” no primeiro capítulo. Nas dez páginas que seguem, Ellen Wood esboça o seu argumento de como o novo imperialismo se tornou criatura do capitalismo: “um sistema em que todos os atores econômicos – produtores e apropriadores – dependem do mercado para suas necessidades mais básicas” (p.21), sendo assim “[...] sujeitos aos imperativos de concorrência, acumulação e produtividade crescente do trabalho” (*idem*). Fazendo uma comparação entre as sociedades de classe não capitalistas, a autora conclui: “sob esse aspecto” (a relação de poder econômico e extraeconômico) “o capitalismo é diferente de todas as outras sociedades de classe”. (*idem*).

Se houve um tempo em que era possível acreditar que havia a possibilidade de enfrentar o capital por meio do Estado, em particular que o movimento operário tinha condições de fazer pressões para que fossem desenvolvidas políticas capazes de aliviar os efeitos do capitalismo, ou mesmo crer que a divisão do trabalho podia favorecer as classes subalternas enquanto o equilíbrio de forças no Estado podia se desviar a favor das classes trabalhadoras, segundo a autora, “hoje parece não existir nem mesmo a mais limitada dessas possibilidades”. (p.24). No entanto, “aparências podem ser enganosas”, como alerta Wood. Nesta perspectiva, o tema central de seu livro “é o fato do Estado continuar sendo um ponto vital de concentração do poder capitalista”, o que abre novas perspectivas quanto à sua importância para as possibilidades de atuação através do Estado, consistindo-se em um alvo indispensável de resistência e um instrumento potencial de oposição.

Por outro lado, historicamente, o Estado teve ligações umbilicais com uma determinada classe e serviu operando para seus interesses. Como constata a própria autora, “esta foi uma das funções mais essenciais do Estado: manter um controle firme sobre a mobilidade do trabalho, de forma que os movimentos aumentem o lucro do capitalista, em vez de colocá-lo em risco” (p.27). Mas no deslocamento econômico, do qual fala Wood, ao mesmo tempo é possível notar uma abertura “de um novo terreno de lutas de classes”, sendo que “a provisão social pelo Estado foi substancialmente modificada e acentuada pelas lutas da classe trabalhadora”. (p. 27); daí a reiterada ênfase da autora.

Em resumo, quando alerta para a separação do econômico e do político, Wood enfatiza que o alcance do capital foi para muito além do seu controle político, “de uma maneira que era impossível para formas anteriores de exploração política diretamente dependentes do poder militar e da dominação política” (p.30). Sendo assim, o capitalismo é mais dependente que qualquer outra forma social de uma ordem política que garanta a regularidade e a previsibilidade de que o capital necessita nas suas transações diárias, e, sobretudo, que o “desligamento dos momentos político e econômico do capital não somente torna possível a extensão de seu alcance econômico, mas também exige que ele dependa dos Estados locais para suas necessidades políticas” (p.31) E assim, aberta uma lacuna, podemos entrever que há novas possibilidades de resistência e atuação em relação ao Estado.

Nos capítulos 2 e 3, *império da propriedade* e *império do comércio*, a autora atravessa a história dos impérios (mesmo que destaque que não se trata de uma obra sobre a história do imperialismo), tratando de outros tipos de imperialismo e em outros períodos: China e Roma, passando pela América Espanhola, Portugal, o império árabe muçulmano, o império veneziano, chegando até a república holandesa, para, no capítulo 4 expor uma de suas principais teses, como bem notou Eduardo Mariutti, e que na prática, retoma a “sua famosa interpretação sobre a transição ao capitalismo, centrada na gestação do capitalismo agrário na Inglaterra que condicionou a industrialização originária”. (2014, p.6).

Analizando os elementos históricos da transição entre os diferentes tipos de imperialismo, no capítulo 5, Wood remete novamente aos principais imperativos econômicos do capitalismo (sua maior ênfase no decorrer do livro), desde as expansões ultramarinas, chegando no capítulo seguinte, a tratar da internacionalização desses imperativos e da ascensão do Estado como elemento indispensável, para, por fim, concluir no capítulo sétimo, intitulado “*Imperialismo excedente*”: *guerra sem fim* - “pela primeira vez na história do Estado-nação moderno, as maiores potências do mundo não estão engajadas numa rivalidade geopolítica e militar direta” (ainda que tenha mencionado todos os países ocupados pelos EUA). O que estamos presenciando atualmente é, segundo a autora, “o primeiro imperialismo em que o poder militar foi criado não para conquistar um território, nem para conquistar rivais”. Conforme Ellen Wood: “Talvez seja

precisamente por não ter nenhum objetivo claro e finito que o novo imperialismo exija força militar tão pesada" (p.109).

Enfim, há tempos sendo objeto de análise, o processo dos imperialismos reúne uma bibliografia muito diversificada e vasta (Lenin, Edward Said, Hannah Arendt, Victor Kiernan, Eric J. Hobsbawm, só para citar alguns exemplos) e como hoje sabemos, podemos falar em diferentes imperialismos, uma vez que em diferentes contextos "cada um reserva práticas e estratégias de controle específicas, possuindo também diferentes definições" (SILVA; SILVA, 2009, p.218). No caso específico do qual somos contemporâneos, *O império do capital* de Ellen Wood é certamente uma contribuição ímpar, pois pode nos ajudar a interpretar e conhecer suas particularidades, revelando que, ainda que estejamos em um novo contexto e encarando novos dilemas, as análises sobre os processos como a globalização, os imperialismos e o capitalismo continuam sendo férteis e necessárias para realizar diagnósticos mais rigorosos. Além disso, também nos revela em paralelo que as análises macros e sistêmicas podem também nos auxiliar a pensar novas formas de superação deste mundo que ainda tem como imperativos o lucro, a propriedade privada e a exploração.

REFERÊNCIAS

CARDOSO, Ciro Flamarion. No limiar do século XXI. **Tempo**, Rio de Janeiro, vol. 1, nº. 2, 1996, p. 7-30.

MARIUTTI, Eduardo Barros. Ellen Meiksins WOOD em O Império do Capital. **Marxismo21**, jun. 2014 In: <http://marxismo21.org/wp-content/uploads/2014/05/E-Mariutti-PDF.pdf>
Acesso 28.02.2015.

REIS, José Carlos. **Teoria e história: tempo histórico, história do pensamento histórico ocidental e pensamento brasileiro**. Rio de Janeiro: FGV, 2012.

SILVA, Kalina Vanderlei; SILVA, Maciel Henrique. **Dicionário de conceitos históricos**. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2009.

WOOD, Ellen M. **O império do Capital**. Trad. Paulo Cesar Castanheira. São Paulo: Boitempo, 2014.

Por:

Fabiano Garcia, mestrando do Programa de Pós-Graduação em História, com concentração em História Cultural, pela Universidade Federal de Santa Catarina. Membro da linha de pesquisa Sociedade, política e cultura no mundo contemporâneo. E-mail: f.garcia7@hotmail.com

Resenha:

Submetida em 31.01.2015

Aceita em 30.05.2015